

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º à entrega
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 619

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

5 DE MARÇO DE 1896



CHRONICA OCCIDENTAL

Quasi despercebido passou o ultimo 29 de fevereiro d'este seculo. Esse dia, que já tão raro nos apparece a figurar nos almanachs, disse-lhe adeus por uma vez, visto não ser bissexto o anno de 1900, o ultimo do seculo das luzes, como vaidosamente lhe chamamos a este em que vimos a luz do dia.

O nosso seculo!... Em pleno seculo XIX!

E, quando falamos n'isto, enchemos soberbos as bochechas, como se trouxesses o seculo na barga e as taes luzes d'elle fossem nossas! A verdade é que um deve tudo ao outro, que por seu turno o deveu ao avô. Um seculo herda vicios ou virtudes, tal qual um filho sai ao pae na força do estomago ou na epilepsia.

O que é facto é que por oito annos est-mos livres d'esse dia nefasto que, segundo auctorizadas opiniões, foi inventado pelos calixtos para com os annos bissextos enguiçar os calendarios. Embirração particular é essa, que afinal n'um seculo só vinte e quatro vezes nos atormenta. Annos de desgraças, annos de mortes. O tal dia 29 parece que deve ser recebido de nó no lenço ou de figa feita á janella, esperando um cavallo branco ou um guarda municipal, entidades, dizem os compendios, profundamente desenguiçadoras. Esse dia, essa excrecencia é no anno como que uma marrequinha contra que nos havemos de precaver.

Respirem os enguiçados. Os sapientissimos chronologos da correcção gregoriana livraram os por oito vezes tresentos e sessenta e cinco dias d'essa desastrosa fatalidade. Um simples tinir de horas fal-os-ha immediatamente passar, em 1900, de 28 de fevereiro para um de março, o mez da primavera official.

O peor é que este derradeiro anno enguiçado ainda não vai no fim e que d'aqui até 31 de dezembro um sem numero de calamidades podem sobrevir.

A mais terrivel, annunciada, é a d'esse bolide medonho, que ha de cahir sobre a terra, arrazando Hespanha, França, Allemanha e uma parte de Portugal. A nós os illustres prophetas astrologos ainda nos fazem esse favor: é só uma parte. Agradecemos reconhecidos o ser só meio susto.

Andam as velhas atarantadas, coitadinhas! Isto de signaes no céo ou coisa que o valha são logo aranhas a fazer teias nas cabecitas brancas.

Desde que o primeiro bolide foi visto em Madrid e, segundo telegrammas para os jornaes, em Caneças, o propheta de má morte que habita n'uma d'essas capitaes, não se sabe ao certo em qual, começou maquinando noticias de sensação. O eclipse da lua deve ter sido prognostico. Um astronomo de Portimão communicou pelo telegrapho aos jornaes, prognosticamente, que o eclipse começara ás seis horas e quarenta e cinco minutos.

Estes astrónomos são o demonio e já viram o novo bolide avançar contra a terra como um leão de juba chammejante, já lhe calcularam a orbita e o dia do encontro por meados d'este mez. Hespanha, França, Allemanha, uma parte de Portugal, o beijinho da Europa, ficam n'um figo!

Muito obrigado pela parte que nos não toca. De quando em quando, uma d'essas noticias vem aterrorisar os que acreditam em tudo, só um nadinha menos estupidos que os que não acreditam

em nada, porque estes, ainda por cima, teem pe-neiras.

Ninguém pergunta como é que isso se sabe, quem foi que o disse, quem é que o podia dizer. Diz-se, e tanto basta. Sem explicações? Melhor, mais facilmente se acredita.

Um dia, um homem misterioso foi a Cintra e disse a uns saloios:

— Vocês não sabem em que perigo estão aqui. Isto... é um braço de mar!

E desde então ha saloio em Cintra, que vive de cabellos em pé. Isto... é um braço de mar!

N'uma das ilhas dos Açores correu que certo dia o mar a havia de engolir. Fugiu tudo para o interior, procurando os pontos mais elevados, acampando no mais alto da mais alta montanha. Conheceu-se ali gente que, se não fóra isso, nunca se houvera visto em toda a vida. Resultado final: uma immensidade de casamentos.

Mas, se os mais simples acreditam facilmente no



A ACTRIZ FLORINDA DE MACEDO — FALLECIDA EM 6 DE JANEIRO DE 1896

(Cópia de um retrato da photographia «Phobos»)

que ouvem ou sabem ter sido publicado, muitos ha que se contentam com palavras, que aliás não são razões. Na propria sciencia a natureza com horror ao vacuo deixou uma infinita posteridade.

Um engenheiro que trabalhava nos estudos d'uma estrada, faltando-lhe uma vez os fostoros, accendeu o cigarro, servindo-se para isso da lente do theodolito. Os trabalhadores á roda, muito espantados a verem. Então o criado do engenheiro explicou doutoralmente:

— Qualidade do vidro.

E ninguém perguntou mais nada. Qualidade do vidro, estava claro!

Deixando, porém, nos seus oratorios as velhas assustadas, enfiando padre-nossos para que o bolido abrazador lhes não caia nas cabeças, a maior parte das populações, descurando o arrazamento proximo, trata de levar o melhor que póde o bocado de vida que lhe resta.

Por cá, pelo menos, enquanto não sabemos se escapamos ou não do previsto desastre, e apesar d'outros muito mais iminentes e eminentes, continuamos a cantar com o côro das saloias no *Burro do Sr. Alcaide*:

Viva a folia,
Dançar, dançar!
Heja alegria
A' beiramar!

Noticias theatraes de sensação não faltam. Souberam afinal os theatros chamar concorrência.

Em S. Carlos a *Irene* subiu finalmente á scena em principios da quaresma, confirmando os creditos do seu auctor e conseguindo que o nome de Alfredo Keil fosse applaudido na sua patria como o fôra em Italia, que e por enquanto o grande paiz da musica. A seguir, os concertos do extraordinario Sarasate e, cantada pela Darclée a *Manon*, que muitos julgam a obra prima de Massenet, senão a da moderna e-cola franceza.

Na Trindade a revista de Eduardo Schwalbak continua a chamar uma extraordinaria concorrência, bem como ao Gymnasio a comedia *Quem me empresta um tio?* que será substituida por outra de grande fama, *O Hotel do livre cambio*.

A empreza do theatro de D. Maria prepara para muito breve a primeira recita do *João José*, uma das melhores peças do repertorio moderno hespanhol.

E o tal bolido a chegar, e as velhas a rezarem, e theatros e mais theatros!...

No dia 28 representou-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes *Les Cabotins*, comedia de Pailleron, a que o traductor, Lorjô Tavares, deu o titulo de *Cabotinos*.

Muitos criticos, depois do devido elogio á estreante, Maria Pia de Almeida, e de se terem curvado reverentemente perante o gentilissimo talento de Lucilia Simões, como musulmanos virados para o oriente, á hora do nascer do sol, reviraram se contra o Lorjô e desancaram-o pelo neologismo.

Bizarros jovens homens das emoções formilhan-tes!

Pois, meninos, a palavra veio mesmo, mesmo, mesmo... ao pintar da faneca.

Pois o que é Lisboa senão uma terra de cabotinos? Por um que trabalhe, que se esforce, que produza em tão mau terreno qualquer coisa de valor minimo, quantos, sem direito a abrirem a bocca, porque não teem talento, nem idéas suas nem estudo, nem grammatica, andam por ahi desfazendo desdenhosos no humilde mas honesto trabalho dos outros, assumindo ares de pavões de saguão, fazendo commentarios d'alto, cheios d'uma sciencia de mesa de café, e sem que nada lhes dê auctoridade, um infimo trabalho produzido, um applauso de gente sensata, um bem nascido d'um bom conselho desgarrado!

Cabotinos é que por ahi justamente não faltam, na arte, nas letras, no theatro, na politica. Falta-va a palavra, ahi a teem. E ha ainda alguns que andam pelos cafés e jornaes berrando e jurando que n'este bemdito torrão não ha cabotinagem! Oh! proverbios! proverbios!... Trancas e argueiros! Perguntem a quantos trabalham.

É um enxame a zunir, um exercito armado de zarabatanas. Vespas com pouco ferrão, zarabatanas com bolas de papel. O mal é que são fecundissimos como os microbios e que, d'aqui a pouco, não ha artistas, nem litteratos, nem politicos, nem homens de sciencia, ... nem publico. Ha só criticos desdenhosos, sabios encobertos. Idéas teem elles lá dentro, mas não saem. Idéas e ideaes. Uns ratões!

Se ainda ha justiça no céu o bolido vem por ahi.

E' que, de facto, dizer alguém com uns certos ares superiores á vulgaridade, que a empreza de

D. Maria é idiota, porque lhe não põe em scena a traducção, que o João Franco é a rã de que o Marquez de Pombal é o boi, que o Columbano é um pinta-monos com pretensões á originalidade, que o lyrismo do Bulhão Pato é redondamente ridiculo e que ao Sousa Martins dá sota e az um barbeiro, tudo isto com bellos gestos de desconsolo em que transpire uma pequenina indignação, dá-lhe uma certa apparencia d'homem culto, de pestanas queimadas, que vê longe e não cai na primeira esparrella em versos saphicos ou rethorica para eleitores. Que amargura ser-se um sábio e ter-se nascido n'um paiz de idiotas!

E tudo isso é muita vez um simples modo de vida. A impotencia ou desastre n'uma primeira tentativa levam-os áquillo. Um cabotino encontra sempre um outro *plus sot qui l'admire* e que lhe paga coisas.

Entretanto a raça vai-se aperfeçoando. Já os ha que começam logo assim. Nascem com aquelle feitio como se nasce corcunda ou microcephalo.

E, para acabar, uma historia com varias applicações.

Um sujeito tinha as botas rotas. Par unico. Para as levar ao sapateiro calçou as d'um amigo, companheiro de quarto, que, n'essa occasião, ainda de manhã, estava dormindo. Par unico tambem.

As botas iam-lhe que nem uma luva. O tempo estava lindo; foi dar o seu passeio. Que linda bota! Quando a noite voltou, o outro, em palmilhas, fulo, tendo que fazer e todo o dia sem poder sair de casa, interpellou-o. Que aquillo era uma pouca vergonha, que se não fazia, e, por ali fóra, nomes e quanto lhe veio á cabeça.

E elle com ar de victima, cheio de paciencia, a ouvir o outro, e mais isto, e mais aquillo!...

Até que afinal rebentou:

— Ora vê tu como são as coisas. Ha muito mais d'um mez que andas com estas botas e eu... moita! Eu, porque as ponho um dia, ferras-me uma descompostura!

Felizmente, no dia seguinte o sapateiro veio com as botas concertadas.

As botas deixou-as, a conta levou-a. Passados uns oito dias voltou com ella e foi-se, e voltou, e tornou a voltar, até que perdeu a paciencia e descompoz o homem.

E este muito sereno:

— E' sempre a tal coisa! Eu não me metto com as dividas de você. Para que se mette você com as minhas?

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

A ACTRIZ FLORINDA DE MACEDO

Depois d'um angustioso soffrimento, que lhe fez amurchecer finalmente no rosto, que fóra lindo as côres d'uma prolongada mocidade, Florinda, que tão querida foi, e por tanto tempo, do publico dos nossos theatros, falleceu aos cincoenta annos de idade, a 6 de janeiro d'este anno.

Cedo começára a sua carreira. A primeira vez que viu a luz da ribalta tinha apenas seis mezes de idade. Tinha bastante que fazer o papel, pois que a creancinha devia, a certa deixa, de começar a chorar, o que era bastante difficil de conseguir. O contraregra, nos bastidores, havia de chorar por ella. Mas qual não foi o espanto do homem, quando a pequena, exactamente no momento psychologico, desata n'um berreiro de deitar tudo abaixo!

De Rio Maior, terra em que nasceu a 29 de novembro de 1845, veio para Lisboa onde se estreou n'umas representações de curiosos no theatro do Aljube.

Aos quatorze annos de idade entrou para o Gymnasio, d'onde, em 1860, já com nome, adquirido no desempenho de varias comedias e sobretudo nas operas comicas *Georgianas* e *Viagem á China*, passou para o theatro da Trindade, onde obteve triumphos n'um sem numero de operas comicas, entre ellas e especialmente: *Gata Borralheira*, *Madame Angot*, *Fausto Petit*, *Amar sem conhecer*, *Giroflé*, *Mascotte*, *Filha do Inferno*, *Drações*, *Sinos de Corneville*, *Madame Favart*, *Milho da padeira*, *Volta ao mundo*, etc.

Florinda aliava á gentileza physica muito notavel, uma voz bem timbrada de que sabia utilisar-se. Tinha alegria em scena e uma graça natural, que a tornavam, ao mesmo tempo, *chanteuse* com

poucas rivaes e actriz de comedia com muito merito.

Foi esta segunda forma do seu talento que lhe proporcionou uma boa escriptura no theatro de D. Maria, onde se estreou na epoca de 1865, n'uma peça de Moura Cabral. Representou depois muito distinctamente ao lado de Lucinda Simões e Augusto Rosa um papel comico difficillimo no *Casamento de Olympia*. Representou ainda a *Mantilha de renda*, *Medico á força*, *Monsenhor*, *Bibliothecario* e *Ultima setta*.

Mas a doença minava-a e, muito antes ainda de fallecer para os seus, já morrêra para o theatro.

A ultima vez que a encontramos seguia ella, a pé, Chiado abaixo, amparada pelas filhas. Ia pedir ao céu o que remedios da terra lhe não podiam dar. Caminhava lentamente, com o soffrimento estampado no rosto. Ia pedir um milagre ao Senhor dos Passos.

Pobre Florinda! Ella que fóra tão alegre, que tanta alegria dêra aos outros, levava no rosto agora um véo de tristeza!

Era uma alma boa, uma excellente companheira. A sua morte foi sentidissima até por aquelles que mal a conheceram. A sympathia que inspirava fazia com que n'ella, á primeira vista d'olhos, se advinhasse o coração d'ouro, a alma da artista que tinha como maior prazer o praticar o bem.

Florinda tinha as suas pobres a quem todas as semanas dava esmola; uma d'ellas era sempre acompanhada da filhinha por quem a chorada actriz nutria grande predilecção, e de vez em quando presenteava com uma boneca.

Paz á sua alma.

HARICLÉE DARCLÉE

Pela terceira vez nos visitou agora a portentosa interprete da obra prima de Massenet.

Cantora da melhor escola, actriz de subidissimo merito, é Hariclée Darclée não só insigne na interpretação da musica genial do novo director do Conservatorio de Paris, mas tambem no desenho d'aquelle character leviano e encantador, sublime de amor, n'um meio de perdição, e que faz da heroína de Abbé Prévost uma das mais extraordinarias creações da litteratura dos ultimos seculos.

Hariclée Darclée estreou-se d'esta vez em Lisboa, interpretando esse complexo personagem e obteve um verdadeiro triumpho do qual compartilharam alguns dos seus companheiros d'arte.

Formosissima, encantadora nos seus diferentes trages, o seu talento de finissimo quilate moldando-se com espantosa maleabilidade a todas as situações, por diferentes vezes viu o seu trabalho interrompido com os mais espontaneos applausos.

S. Carlos foi n'essa noite o verdadeiro templo da arte.

A GUERRA EM CUBA

VISTA GERAL DA HAVANA

A nova phase que tomou a guerra em Cuba, com o reconhecimento de belligerantes aos insurrectos por parte do senado dos Estados Unidos do norte da America, tornou esta questão assás momentosa e melindrosissima. O character de excepcional gravidade que todos reconhecem, augmenta extraordinariamente dia a dia, hora a hora.

Eis a proposta do senador Morgan, cuja approvação dada pelo senado da grande republica norte-americana, veio mudar o aspecto que apresentava a lucta pela independencia na ilha de Cuba:

«O Congresso dos Estados Unidos manifesta a sua ardente sympathia pelas pretensões dos cubanos. Tambem o congresso acolherá, com satisfação a concessão pela Hespanha da completa soberania ao povo d'aquella ilha e a essa concessão prestarão os Estados Unidos o mais cordeal apoio. A proximidade de Cuba á fronteira dos Estados Unidos, e o facto da ilha ser universalmente considerada como fazendo parte do systema continental da America, ligam tão intimamente a Grande Antilha ao bem estar commercial e politico do nosso povo, que o Congresso não póde permanecer indifferente á guerra civil com que estão luctando os habitantes de Cuba.

«Tambem não podemos, por mais tempo, ficar silenciosos ante o character destruidor da guerra, que está causando graves prejuizos aos direitos e interesses dos nossos compatriotas da ilha, e ao nosso commercio legal, cuja protecção e liberdade estão garantidos pelas clausulas dos tratados.

«A devastação de Cuba pela guerra que agora se está travando, a ferro e fogo, é causa de ancie-

dade, de perturbação e de inquietação para o povo dos Estados Unidos e justifica os protestos que fazemos contra a continuação da lucta que ameaça mudar, rapidamente, o modo de ser de grande numero dos naturaes da ilha. Isto não é justo, dadas as relações que existem entre Cuba e os Estados Unidos, nem se harmonisa com o espirito da epoca e com os direitos de humanidade e o facto de se prolongar esta contenda, até se esgotarem os recursos de homens e de dinheiro das duas partes litigantes. Debilitam-se ambas até que um dia chegam a converter-se em preza de uma potencia mais forte.

«Esta guerra civil, apesar de ser sustentada por exercitos perfeitamente organisados, dirigidos e inspeccionados por uma auctoridade militar suprema, não tem a garantia d'um convenio para o tratamento dos soldados feridos e dos prisioneiros de guerra. As potencias civilisadas devem, pois, cumprir um dever de humanidade, insistindo em reclamar a applicação das leis da guerra reconhecidas entre os povos civilisados.

«A incapacidade da Hespanha para submeter os revolucionarios, é um facto consummado. Não pode admitir-se que não existe um estado de guerra civil aberta e formal e que o movimento é uma simples insurreição e os seus defensores uma turba de criminosos que violam a lei, quando é certo que essa lucta exige um exercito de 100:000 homens e todo o poder naval e militar d'uma grande monarchia. A situação de Cuba é tal, que a Hespanha deve reconhecer a existencia do estado de guerra na ilha e conceder espontaneamente aos exercitos oppostos á sua auctoridade os direitos de belligerantes.»

Pela leitura deste expressivo documento comprehende-se bem que a ingerencia dos Estados Unidos na questão cubana ha de levantar as maiores difficuldades que registra o direito internacional moderno, pois que a fatalidade historica quer expulsar a Europa dos dominios da America.

Os Estados Unidos com a sua theoria munroista vendo que não amedrontavam bastante a Europa, dão o signal de alarme, intromettendo-se na questão de Cuba, não como medianeiros conciliadores, mas sim, como transparece da moção de Morgan, uma mal disfarçada ameaça: porque estribando-se na sua singular doutrina e em principios do direito das gentes intendem deverem conceder todo o seu apoio á ilha de Cuba.

Tal é, pois, no momento em que escrevemos, a situação cujas complicações põem a nossa vizinha Hespanha nos mais serios e graves embarços, que difficilmente poderá repellar e vencer—no campo da guerra e no consenso das potencias, as officiosas demonstrações que em favor da rebeldia cubana os Estados Unidos se deu a mostrar. Isto deve melindrar o patriótico estado peninsular, arrastal-o ao conflicto que se torna imminente e no qual se envolverão os estados europeus que não se neutralisando, se deixem apaixonar naturalmente, pois que esta conjunctura parece estabelecer uma triste e decisiva collisão entre o novo e o velho continente. Seria imperdoavel que a Europa visse indifferente a quebra da ingerencia eurásica, no outro lado do Atlantico, e por isso a intervenção das potencias europeias decerto se torna inevitavel com as suas consequências de uma coflagração geral.

Acompanhando a nossa gravura da pag. 52, que representa a vista geral da Havana, o formoso imporio do commercio norte-americano, offerecemos aos nossos leitores um rapidissimo golpe de vista sobre a historia da bella capital da Grande Antilha.

O porto de Havana foi reconhecido pelos hespanhoes dezeseis annos depois de descoberto o Novo Mundo. Em 1508 fundou-se naquella bahia, Sebastião de Ocampo que carenou as suas duas caravellas com o bitume chamado *chapapote* e por isso designou-se o porto durante alguns annos pelo nome de *Carenas*. Em 1513 fundou-se a Havana com o titulo de villa, não no mesmo lugar em que hoje está, mas sim mais proxima á costa meridional, no sitio chamado depois Batabanó. Foram taes as vantagens que se reconheceram na nova posição que logo os primeiros povoadores para alli mudaram as suas moradas. Varias vicissitudes se seguiram das quaes triumpharam sempre os insulanos, augmentando-se a Havana ao ponto que hoje se sabe.

Já que historiamos em duas linhas a fundação deste emporio do commercio norte-americano demos a nota portuguesa que existe n'essa historia: Quando em 1641, Portugal succediu o jugo de Castella, o capitão general D. Alvaro de Luna prendeu todos os portuguezes, residentes na ilha, e enviou-os debaixo de prisão para a península.

Tem paginas brilhantes a historia militar da Havana, é justo confessal-o, como foram muitas das acções e combates que n'aquelle grande porto se deram contra os piratas que infestavam as paragens sul-americanas e especialmente contra os inglezes, quando em 1762 a Hespanha declarou guerra á Grã-Bretanha.

Outras vezes os inglezes conseguiram vencer mas os historiadores affirmam a vantagem de ter sido torpemente defendida a formosa ilha.

A propria natureza tambem tem sacrificado a Havana; um terrivel cyclone, no dia 15 de outubro de 1767, fez submergir cerca de cem navios que estavam no vasto porto e arrasou os melhores edificios. Todavia, a cidade progrediu sempre e de maneira quasi prodigiosa.

Não são de moderna data as tentativas que na ilha se tem feito para conquistar a autonomia. Desde o principio deste seculo, que se começaram a fundar certas sociedades secretas que, em 1820 e nos annos seguintes, promoveram varios tumultos como tentativas de independencia. O que é certo é que em 1879 foi concedido á formosa povoação o eleger o seu primeiro *ayuntamiento*, o que representou uma notavel conquista para a administração interna da rica provincia ultramarina hespanhola.

Dado, pois, o estado latente em que durante tantos annos se tem mantido o desejo de independencia, os cubanos tem a seu favor a unanimidade e o arraigado dessa pretensão.

PORTUGAL PITTORESCO — NAS MARGENS

DO VIZELLA

O rio Vizella, que ainda em fins do seculo XVII se denominava *Avicella*, talvez pela sua visinhança do rio Ave de que *Avicella* é diminutivo, é dos mais pittorescos da provincia do Minho.

Nasce na serra de Pedraida, concelho de Fafe e depois de um percurso de 25 kilometros, junta-se ao rio Ave, na freguezia de S. Miguel das Aves, concelho de Santo Thyrsó, onde ha a ponte do caminho de ferro de Guimarães, a obra d'arte mais importante d'esta linha.

Muitas outras pontes atravessam este rio que servem as freguezias de Queimadella, S. Vicente de Paços, Santo Ovidio, Bouças, S. João, Nova de Pombeiro ou Nebinhos, Velha de Pombeiro, etc., além das pontes de Tagilde, Vizella (nova e velha) Negrellos, Carvoeira, etc.

Vizella serpenteando por entre ilhotas tapetadas de relvas e fétos, as margens são um verdadeiro encanto, povoadas de variado arvoredo onde os passaritos fazem ninho e os rouxinhoes cantam.

Os viajantes que percorrem a provincia do Minho não desconhecem as bellezas d'este rio, por sem duvida o mais pittoresco de Portugal.

A inscripção lapidar na rua do Salvador

(Concluido do numero antecedente)

IV

E' na rua do Salvador, no bairro de Alfama, que ao meio da rua, collocada na parede de um antigo predio da direita, se encontra esta lapide:



Tal como se vê, é de marmore branco com embutidos a preto; apresenta-se quebrada no angulo direito superior e esboroadá no esquerdo inferior. Quem reparar n'ella poderá fazer esta leitura apesar das suas lettras conjugadas e sumidas:

ANNO DE 1686
SUA MAGESTADE ORDE-
NA QUE OS COCHES SE-
GES E LITEIRAS QUE VIE-
REM DA PORTARIA DO
SALVADOR RECUEM PARA
A MESMA PARTE

Estando a lapide a meio da rua e não no começo, comprehende-se bem, quando desconhecido, o seu theor, que obrigava os vehiculos a recuar escusadamente.

D'aqui uma serie de collisões, quasi diarias, originadas pelo transito das carruagens, não só em sentido contrario como tambem pela simples questão de precedencias e deferencias para com o vehiculo que transportasse pessoa de mais alta gerarchia ou de cargo mais elevado.

Infelizmente, a pouco se reduzem as noticias que temos das questões, havidas n'esta rua e das quaes a nossa lapide foi testemunha.

Mas, como esses factos se davam por quasi toda a cidade e em outras ruas tambem estreitas e de grande transito, sempre se encontra alguma noticia mais ampla, narrando o acontecido.

E' por isso que, n'uma colleção de Memorias, manuscripto anonymo dos principios do seculo passado, pertencente ao ex.^{mo} sr. Gabriel Porto de Almeida Santos, encontramos dois documentos que pudemos extrahir d'alli, por fineza especial do seu possuidor, e os quaes referem um caso de precedencias, no qual ha a nota comica inherente a tudo que é humano e a nota graciosa que o espirito de uma dama illustrada soube fazer vibrar.

Os documentos citados descrevem perfeitamente o facto. Simplesmente lhe mudamos a orthographia para serem mais legiveis.

E' nas folhas 146 a 148 das *Memorias*, já citadas, que elles se acham e dizem o seguinte:

V

«Sabbado 3 de junho de 1741, pelas 8 para as 9 horas da noite, encontrando-se no estreito de S. Jorge, acima da Sé oriental, antes de chegar ao largo da igreja de St.^a Luzia, o Monteiro-mór do reino com Lourenço Luiz Galvão, coronel do regimento de Cascaes, tiveram differença sobre quem havia de recuar, e devendo-o fazer o Monteiro-mór, Lourenço Luiz, que era um cavalleiro prudente, mandou que o fizesse o cocheiro do paquebote, em que ia a quatro urcos, e como cahisse um d'elles, mandou dizer ao Monteiro-mór que elle fizera a diligencia que vira, quando não devia recuar; ao que respondeu o Monteiro-mór:

— Se os cavallos não fossem de El-rei havia de cortar-lhes as pernas.

E Lourenço Luiz lhe tornou:

— Não vindo eu nelles.

«E sahindo ambos das carruagens, pucharam das espadas e depois de uma pendencia, deu Lourenço Luiz, no Monteiro-mór, uma estocada no braço esquerdo, e tão desanimado ficou, que cahindo na loja de um barbeiro, pediu confissão e fez testamento nessa mesma noite.

«Ficaram as carruagens paradas, e Lourenço Luiz, indo para o paço, deu conta a El-rei do que se passara; o qual lhe disse se retirasse para casa, e mandou logo um ministro, ao sitio da contenda, com ordem de fazer recuar a carruagem do Monteiro-mór e passar aquella em que ia Lourenço Luiz; o que custou muito pelo embaraço em que estava a rua, pelas muitas carruagens que de um e outro lado vinham e ficavam paradas.

«Ambos foram prezos, em suas casas, pelo corregedor do crime da corte, por tempo de oito dias, e quando sahiram foram chamados á secretaria de Estado, para assignarem termo de amizade.

«Esta historia serviu de assumpto a poetas e a varios discursos, pelas circumstancias que concorriam nos que brigaram; porque o Monteiro-mór era um homem muito baixo, gordo bastante e torto de um olho; e Lourenço Luiz, alto, magro, já velho, e quasi cego.

«A obra que mais se divulgou foi um soneto de que adiante se mostra a copia, e até as senhoras se divertiram, discorrendo sobre esta briga; tanto assim, que poucos dias depois, indo a condessa de Villa Nova, e outras fidalgas, em um coche, lhe saltou fóra uma das rodas, e com a violencia da queda, se quebrou um vidro que com uma estilha feriu o peito de uma das senhoras, a qual vendo sangue em si, disse, fingindo um grandissimo susto, que queria fazer testamento e apparelhar-se para morrer, assim como tinha em dias passados succedido ao Monteiro-mór do reino.»

SONETO

A pendencia que teve Lourenço Luiz Galvão, estribeiro de El-rei, tendo perto de 70 annos e quasi cego, com o Monteiro-mór do reino, sobre recuarem as carruagens na rua que vai do Limoeiro antes de entrar no largo da igreja de St.^a Luzia, em 3 de junho de 1741.

«Satanaz Coronel, Fernão Zarolho feroz Arpia das que o abismo encerra no empenho de affligir toda esta terra de que serve bastão, se tens esseolho?»

REAL THEATRO DE S. CARLOS



HARICLÉE DARCLÉE — NA OPERA «MANON»

«Vai-te deitar na granja de remolho
 donde o salcio, porque o escorchas berra
 que não serve ao illustre ardor da guerra
 abobora com feitto de repolho:

«se pudesdes unir com força rara
 sem em ti o prender genealogia
 da gallinha o valor, do mono a cara:

«anda, prende e ateima na porfia
 que em Aldeia Gavinha tens a vara,
 na Azia, em Cananor a feitoria.»

As palavras que sublinhámos, n'este piccaresco soneto, tinham no original, indices: *abc*, d'umas notas que desapareceram. Explicariam, decerto, melhor o sentido allusivo dos epithetos.

Allusivo, talvez, ao mesmo caso, é tambem o seguinte velho epigramma, que mais tarde se publicou no n.º 5 do *Ramalhete*, de 1837, e em que se explicava a ironica composição por se referir a uma pendencia havida entre um homem muito baixo e outro muito alto:

«D'um Pigmeo, e um Polifemo
 Na desigual competencia
 Foi tão renhida a pendencia,
 Que passou de extremo a extremo.»

N'esta quadra o termo *Polifemo* é mais uma probabilidade de que se refira indiscutivelmente á collisão memorada. Como se sabe, na mythologia homérica, Polyphemo é um gigante cyclope com um só olho; seria pois allusão a Fernão Zanolho.

O Monteiro-mór, aqui citado, é D. Fernão Telles da Silva, então exercendo esse cargo. Era casado com D. Maria de Mello, e d'esta senhora teve em 1727, um filho de nome Francisco, o qual lhe succedeu, por sua morte, no cargo de Monteiro-mór do reino.

O erudito visconde de Castilho na sua curiosissima obra: *Lisboa Antiga*, allude a esta lapide, a paginas 333 do tomo IV, mas, nas erratas do mesmo volume elimina essa pequena allusão.

A Associação dos archeologos portuguezes tem, por vezes, pedido lhe seja concedida esta inscripção lapidar para o seu museu.

Por isso julgamos de interesse para os nossos leitores o presente esboço de um quadro da viação lisbonense em tempos passados e amenisalo com a narrativa anonyma que ahí deixamos.

Esteves Pereira.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

1813. — SETE SEMANAS DE CAPTIVEIRO
 EM S. SEBASTIAN

(Continuado do n.º 618)

A julgar pelas noticias que podiamos colher ácerca da importancia dos trabalhos, que os nossos andavam fazendo nas trincheiras, e dos pontos em que eram realisados, claro estava que o ataque seria conduzido por modo identico ao que se dera durante o primeiro assedio. Conscio da difficuldade que havia em vencer a distancia que nos separava da brecha, e concedendo as fortissimas trincheiras que, pelo lado interno, a defendiam, entrei a duvidar do resultado do ataque, e a perder as esperanças de recuperar á liberdade. Uma bella manhã, veiu á enfermaria um capitão d'artilheria, que eu nunca ali tinha visto, e fallou a respeito do cerco, dirigindo-se, como de proposito, a mim, observou que toda a segunda parallela era uma bateria ligada e proseguiu: «se os attaccantes tivessem tantos canhões como canhoneiras, *nous serions joliment f...*

A GUERRA EM CUBA



VISTA GERAL DA HAVANA

PORTUGAL PITTORESCO



NAS MARGENS DO VIZELLA

Retorqui-lhe — «Pois é isso que os senhores tem mais certo; posso afirmar-lhe que as nossas peças correspondem sempre ao numero de canhoneiras. Entre nós não é costume construir baterias e assentar-lhe depois cêpos de madeira nas canhoneiras, para metter medo ao inimigo.»

Fez uma careta, encolheu os hombros e, virando as costas, foi-se embora.

Ao outro dia de manhã, appareceu como de costume, o cirurgião, que vinha tratar dos feridos. Seriam para ahi sete horas e meia, reinava o maximo socego, e elle, muito alegre e prasenteiro, á entrada exclamou: Com que então, parece que apanhamos mais um dia de suêto?

D'ali a meia hora, quando muito, e estava eu entre mãos do doctor, eis que rompe a primeira salva das baterias de brecha. As balas, zinzindo pelo hospital, causavam grande reboição nas entermarias.

O cirurgião deixou escorregar das mãos a lanceta, exclamando: «*Le jeu sera bientôt fini!*» depois, como se nada fosse, proseguiu na tarefa.

O romper do fogo das baterias poz tudo em movimento. Em breve vieram avisar-nos de que hiamos ser removidos para o castello: e a mim, em particular, recommendaram-me. «*d'etre sage*» pelo caminho, porque o capitão da escolta era «*tres méchant*» portanto, que fosse socegado, e na melhor ordem. Escusado será dizer que a recommendação tinha por fim impedir qualquer tentativa de fuga da nossa parte. Os prisioneiros todos, inclusivé os feridos, formaram e, em ordem de marcha, trepando pela ladeira acima, entraram pelo portão do castello. Nas alturas da bateria do *Mirador* estivemos expostos a um fogo assaz vivo de fuzilaria; ficaram feridos alguns, e entre estes, o capitão portuguez com a coxa atravessada

por uma bala. Ao transpor o portal, voltei-me para lançar uma vista de olhos ás baterias e trincheiras; o capitão da escolta, porém, não me deu tempo para observar tosse o que fosse; mandou-me dar meia volta á direita, e d'ali a pouco mettiamos n'um edificio que deitava para o mar, e que fôra primitivamente destinado para paiol de polvora, mas que agora estava convertido em ambulancia. Tinham ali armado cátres de madeira, á feição das tarimbas que em Inglaterra guarnecem as casas da guarda. Dentro do edificio apenas alojaram os que vinham feridos: os que o não estavam, seriam para ahi uns 150, ficaram conforme poderam, em montão, no pateo que circumdava a casa. O numero dos feridos foi crescendo, e o hospital, portanto, enchia-se cada vez mais; e, na esperança de evitar que o fogo das baterias continuasse a ser dirigido para o edificio, mandaram

icar pelos prisioneiros uma bandeira preta no telhado. Enquanto se cumpria a ordem dada, observei ao official francez que era trabalho perdido, e que decerto não daria o resultado desejado; antes pelo contrario, podia vir a ser contraproducente, pois era, entre os nossos, opinião assente que no edificio existia o mais importante deposito de polvora da praça, e que o facto, pois, de içarem ali bandeira preta, seria pelos nossos interpretado como estratagemma destinado a defender as munições — que não a proteger os feridos. E de facto bem pouco proveito tirámos do negro farrapo, que tremulava proximo de nossas tão arriscadas cabeças.

Tomada que foi a ilha de St. Clara, ninguem podia transitar pela porta do castello que a defrontava, sem risco imminente de ser morto, ou pelo menos, ferido. As descargas de metralha e as bombas varriam de lez a lez todo o interior do forte; e só de noite e ainda com perigo, podiamos ir buscar agua á cisterna que ficava para aquellas bandas.

A guarnição veiu sempre suppondo que o assalto teria lugar durante a noite; portanto, todas as manhãs, assim que o dia aclarava e viam os da cidade, que não eram acordados pelos clamores das columnas de ataque, sentiam grande alívio; era como se tivessem alcançado descanso por mais vinte e quatro horas. A 31 de agosto, pois, quando no castello se começou a ouvir o estrondar da fuzilaria, pozeram-se todos a olhar uns para os outros, mas ninguem dizia palavra. Como, porém, o fogo continuasse e o estrondo fosse cada vez maior, cessaram quaesquer duvidas sobre o caso: lançou cada soldado mão da espingarda e, resolutos, correram todos aos seus logares. Fiquei, desde esse momento, totalmente inhibido de communicar com os prisioneiros, que, por não estarem feridos, foram mandados para o pateo. Um dia, tinham as baterias rompido o fogo contra a brecha, perguntou-me um official francez se eu julgava que os prisioneiros permaneceriam em socego se acaso fosse empreendido qualquer ataque á brecha; e accrescentou que, á minima tentativa que fizessem, seriam todos immediatamente arcabuzados. Repliquei: — «Tenha a certeza de que nenhum deixará de aproveitar o primeiro ensejo favoravel. Não imagine que está de guarda a um rebanho de borregos. Succeda o que succeder, e quer fuzilem quer não, terão de dar contas de nós, assim que for tomado o castello.» A 31 de agosto, durante o assalto á brecha, não causou pouco alarme aos francezes o verem ao largo varios transportes, que vinham já em frente do castello, e que se acaso houvessem tentado um desembarque de tropas, segundo me quer parecer, tel-o hiam conseguido: — o effeito teria sido decisivo; daria como resultado provavel a tomada immediata do castello.

As tropas que guarneciam a cidade, sabendo que lhes ficava cortada a retirada, ter-se hiam rendido, á discreção.

Desde que principiou o assalto, até que, tomada a cidade, os nossos invadiram o castello, não logramos obter a minima informação acerca do que se passava na brecha. Momentos foram aquellos de terrivel ansiedade e angustiosa expectativa, até que, em fim, estouro a noticia! Quem poderia descrever o espectáculo que apresentava então o interior do hospital? No mesmo instante a enfermaria era atulhada de feridos e de mutilados. Entrou outra vez em scena a mesa das amputações, e, até quasi ao romper do dia, os cirurgiões não tiveram mãos a medir. Era sobremaneira doloroso ter constantemente aquelle espectáculo, ali, aos pés da minha cama.

Imaginem os gritos de agonia e os gemidos incessantes; o aspecto medonho dos granadeiros e sapadores, que as explosões na brecha fizeram ir pelos ares. — Dos uniformes queimados mal restavam vestígios. Os corpos denegridos, carbonizados e escorchados pela acção da polvora! — Scenas pavorosas e que nada poderia jamais varrer da memoria, áquelles a quem coube a desdita de ter de as presenciar uma vez. Aquelles desventurados nem já tinham aspecto humano; porém, a morte em breve vinha allivial-os de tão medonho soffrimento, e a nós livrar-nos da visão afflictiva.

As queimaduras produzidas pela polvora afiguraram-se-me sempre causarem dores mais intoleráveis e constantes que as das proprias fracturas de membros e de outros accidentes não menos terribes.

Existia, nas trazeiras da torre de menagem, um pardieiro aonde estava depositada importante quantidade de polvora. Choviam as bombas de roda do edificio; e, como era mais que provavel que viessem a destruí-lo em breve, andava um destacamento a tirar cá para fóra as munições. Estava já bastante adiantado tão perigoso serviço,

quando varias bombas vieram cabir sobre o telhado da casa, causando explosão nos poucos barris que ainda lá estavam dentro; e o casebre voou pelos ares, levando consigo alguns soldados; e nem sequer ficaram vestígios de ter já existido ali semelhante edificio!

Confundidos entre a guarnição andavam tres damas francezas, a viuva e duas filhas de um commissario geral do exercito, morto em Hespanha: iam embarcar para França, quando os nossos investiram a praça. As pobres senhoras obtiveram licença de se acolherem ao hospital, e reservaram-lhe um limitado espaço em um dos extremos da nossa tarimba. Para ali estiveram dia e noite, durante um certo tempo, e a unica agua que podiam haver, desde que a ilha de St. Clara cabira em poder dos sitiantes, era da mesma de que gastavamos, agua salgada, que os serviçoes conseguiram tirar de noite, descendo pelos penhascos, até ao mar, por detraz do castello. A agua doce que a cisterna fornecia, apenas em diminuta quantidade, tinha de ser poupada: mal chegava para cosinhar e para matar a sede aos soldados, expostos, como andavam, sem cessar, a fadigas e aos ardentissimos calores do mez de agosto. O numero dos feridos augmentava; e, portanto, estavam cada vez mais apertados no hospital. Alguns officiaes, á falta de cama, jaziam no sobrado, e entravam a soltar repetidas queixas, alegando que estavam sendo usurpados logares que de direito lhe pertenciam por madame e suas filhas; e o caso é que conseguiram desalojar d'ali as pobres senhoras, e as reduziram a irem buscar abrigo contra as balas e as bombas, aonde melhor pudessem. No dia em que capitulou a fortaleza, lembrou-me de ir á procura das minhas infelizes companheiras e vim dar com ellas, muito encolhidas n'um recanto, debaixo da saliencia de um penedo, e já meio asphyxiadas pelo fumo. Uma das meninas era formosissima, e, pouco depois de terminado o cerco, casou com o commissario inglez, encarregado de olhar pela guarnição prisioneira, até embarcar para Inglaterra. Ainda assim, o facto de terem trocado o hospital pela cavidade de uma rocha aspera e nua, poupou-lhes mais um espectáculo horrendo e doloroso: — a meza das amputações fora collocada aos pés da tarimba, e visinha ao logar que nos tinham reservado.

(Continúa)

Spectator.

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Baretti, traducidas do italiano

II

Lisboa, 31 de agosto de 1760.

Apoz uma mais que prospera viagem, hontem, ás oito horas da tarde, desembarcámos n'esta cidade. O nosso delicado capitão queria por todos os modos que ficassemos para cear e dormir n'aquella sua casa oceanica; porém, o tedio do mar, a oscillação do navio, e o tumulto incessante de sete dias e sete noites me haviam enfadado tanto que não pude decidir-me a fazer-lhe a vontade. Se fosseis descendentes de Christovão Colombo¹, rir-vos-hieis de mim, irmãos, ouvindo-me falar com tanto terror de uma viagem de mil milhas, saindo da via competente duas vezes para evitar quem nos perseguia. Mas, para quem não está habituado ao mar, não é brincadeira atravessar, sem descaçar um pouco em terra, a viggissima primeira parte da circunferencia do globo terrestre.² Bem sei que, saltando na praia, mal me podia segurar nas pernas, e vi-me na necessidade de ir até á hospedaria pelo braço, como se fosse uma bella dama; nem pude facilmente conciliar o somno por um pouco a noite passada, tanto o sangue e a alma balançavam ainda no meu corpo, nem mais nem menos do que se estivesse ainda a dormir no meu beliche. Hontem, pelas cinco horas da tarde, avistámos distinctamente um promontorio denominado pelos navegantes inglezes *the Rock of Lisbon* (o cabo da Roca), que é um monte quasi da altura do de Superga;³ o qual, visto de longe, parece um amontoado de rochedos estereis; mas dizem-me que no cimo e nas faldas d'elle ha bellissimos pastos para armentos e rebanhos, amenissimos arvoredos e vinhas formosissimas. O naveganté que vê pela

primeira vez aquelle promontorio tem de dar alguma cousa para beber aos marinheiros; e, se o não fizer, estes o prendem a uma antena, içam-no e deixam-no em seguida cair na agua duas ou tres vezes para divertimento da sociedade; pelo que o sr. Eduardo e eu, que não gostamos, como a mãe de Achilles,¹ de nos embriagar com agua salgada, usámos para com elles da classica liberalidade. Este costume é tão religiosamente conservado por aquelles patifes que a auctoridade despotica dos capitães sobre a tripulação cessa n'este caso, e não está em poder d'elles livrar ninguem de pagar ou de soffrer o banho. E muito me fez rir um desavergonhado de um marinheiro, que por muito pouca pecunia me deu o espectáculo do tal banho na sua propria pessoa. Era mister ver como elle gritava e fingia ter medo e pavor mortal quando o içavam e depois quando o deitavam abaixo. Sobre o mais alto cerro do cabo avistei com o oculo do capitão um edificio tosco, como um convento, que os meus inglezes pouco entendidos nas nossas ordens religiosas chamam *the Cork-Convent* (o convento de cortiça), e que não me souberam dizer a que ordem pertencia. Supponho, porém, segundo a descripção que me fizeram dos seus habitos, que seja a dos franciscanos. Chamam-lhe convento de cortiça, porque dizem que as mezas, as cadeiras, os leitos e todos os outros moveis caseiros d'estes religiosos são feitos d'aquella madeira que chamamos cortiça, da qual se fabricam as rolhas para as garrafas do vinho. Transposto o promontorio, vi muitissimas habitações ao longo da costa, e, entrados depois de uma hora de andar á véla na famosa corrente do Tejo, é impossivel referir-vos o magnifico e gracioso panorama de tantas edificações que adornam a margem direita especialmente. Perguntei ao nosso cirurgião onde tinha sido o terremoto, porque não podia observar nenhum dos seus effeitos n'aquella margem direita; e elle respondeu que lá mais adiante os veria assombrosos na cidade, mais algumas milhas a montante do rio. N'essa emboadura, porém, os castellos, as torres, as fortificações, os palacios e as casas sem fim, todas bem caídas, com suas vidraças muito polidas e as portas das janellas pintadas de verde, recreiam os olhos a mais não poder ser. A isto accrescem os jardins que apparecem, aqui e alli, por entre as habitações. Esses jardins tornam toda a riba inclinada do rio semelhante a uma mansão de fadas como a residencia de Alcina.² Bem sei que, visto de perto, tudo isso não se mostrará com tanta vantagem; mas, ao longe, é cousa muito bella e excellente termo de comparação com a cidade e os arrabaldes da soberba Genova. Apenas se entra o Tejo, cuja foz tem de largura mais de duas milhas, vê-se o sitio de Belem, onde o rei tem habitado sempre depois do terremoto, porque o seu palacio na cidade foi completamente destruido. Quem do rio avista Belem e toda a casaria que serve de residencia aos principes de sangue, ao patriarcha, aos ministros estrangeiros e aos principaes senhores d'este reino, não se recorda muito de outros espectaculos, que, mais do que este, lhe tenham satisfeito o olhar. Por volta das oito horas, lançámos ferro, e, tendo descido ao escaler, viemos em volta da cidade, e eis-me aqui muito bellamente alojado, um pouco distante de Lisboa, no alto de uma collina chamada *Buenos-Aires*, em casa de um hospedeiro inglez, que para logo me fornece melões, figos, uvas e melancias de que, por causa do calor, estava morrendo por tomar uma pançada, pois que na Inglaterra os figos, as uvas e os melões não são vulgares e não prestam em comparação dos nossos; digam lá o que disserem alguns senhores inglezes, que alguma vez teem tido a desfaçatez de reputar os fructos da sua terra melhores que os nossos; e, pelo que respeita a melancias, que elles chamam *melões de agua*, não vi na sua ilha, durante tantos annos que lá estive, senão alguns muito inspidos e pequenissimos. Aqui permaneceremos alguns dias e visitaremos miudamente a cidade e seus arredores, e, pelo que vou vendo oh! quantas cousas não terei eu de escrever sobre Portugal! Entretanto, d'esta minha janella goso uma vista muito pittoresca da cidade, das collinas em derredor com suas casas novas, espalhadas, aqui e alli, ou antes novas aldeias, do rio e dos navios que estão bastantes fundeados. Dentro em pouco sahirei para ir á igreja, e depois para começar a ver qualquer cousa, e depois do jantar iremos assistir a uma corrida de touros, que me dizem será estupenda, e da qual

¹ Primeiro descobridor da America.

² Calcula-se em sete mil milhas o diametro da terra.

³ Monte pouco distante de Turim, e muito notavel por um bello templo que tem no cume, e em cujos subterraneos estão os tumulos da casa real de Saboya.

¹ A dousa Thetis.

² D'esta fada namorada de Rogerio canta o Ariosto no seu *Otello Furioso*.

sabereis a minha opinião, se o sol não me derreter, e as moscas me não comerem, porque o sol queima aqui assaz, e as moscas são as nuvens. Vim cá encontrar um tal Baptista, francez de nação, que me serviu muitos annos em Inglaterra, e que me deixou o anno passado para correr atrás de uma namorada, com quem depois casou n'esta cidade. Não quiz trazer um creado de Londres, sabendo que aquelle estava em Lisboa, e esperando poder tel-o na minha companhia n'esta viagem. Esse rapaz, que me é devotadissimo, conhece muito a Hespanha, arranha quatro ou cinco linguas, é fiel, robusto, activo e corajoso. Irá commigo, não obstante os prantos da mulher, a quem todavia prometti devolver-l'ho, apenas esteja proximo de casa. Vou para a missa. Adeus.

Alberto Telles.

A RAINHA DE ESCOSSIA

SCENAS DA VIDA ARTISTICA, POR S. ADELUNG

(Continuado do numero antecedente)

Nem sequer percebi que viera, pouco a pouco, recuperando a liberdade.

A minha assuidade em casa da familia Richter estava agora longe da que era licito esperar de um noivo apaixonado; eu, porem, desculpava-me com a urgente necessidade de aproveitar os dias em que Estephania não vinha ás sessões de modêlo, para ir adiantando o fundo, os accessorios e os demais pormenores, em fim, da minha grande composição. E d'ahi, o tempo não espera por ninguém; estavam já em Março e, no meado do verão, devia ficar concluido o meu quadro, porque os Richters iam a banhos, para uma praia qualquer; e eu fóra convidado a acompanhal os. E no principio do inverno — d'aquelle inverno — devia realisar-se o nosso casamento.

Com grande alegria minha, Estephania manifestava agora o maximo interesse não só pelo bom exito da minha grande obra, como tambem pela pintura em geral. Chegou mesmo a fazer algumas modificações, em extremo judiciosas, alás, no seu traje, e a comparecer com muito maior pontualidade ás sessões.

Tanta condescendencia, que, a meus olhos, mais parecia dedicacão, foi, pouco a pouco, despertando em mim uma tal ou qual ternura para com a minha linda noiva. E Wolkow, modêlo dos amigos! Que valioso tributo de tempo e paciencia lhe não devia a minha amizade! Um dia, porém, a meus olhos, revelou-se, de subito, até aonde chegava a sua dedicacão — Leão, lhe disse eu, estou abusando terrivelmente do teu tempo; que ha de ser dos teus quadros!

Os meus quadros? Deixa lá! não te inquietes com isso... que elles lá vão indo!

Ainda agora eu tive de repintar de novo aquella figura, lembraste-te? a que tem a faixa de gaze? — Que me dizes? homem! Se ha mais de quinze dias que a vi prompta e acabada!

Wolkow pareceu-me estar inquieto, contrariado. — Não te assustes, hei de ter tudo acabado a tempo — atalhou, e demais, se te não convem... escuso de voltar a servir-te de modêlo.

Se me não convém?!... a mim? Bem sabes a dívida de gratiãõ que commigo contrahi. Se não fóra o teu auxilio, o que seria do meu quadro? Por tudo quanto ha te peço, não me deixes ficar entalado!

Leão encaminhou-se para a porta e murmurou: — Pois sim, mas não te esqueças nunca de que foste tu que o exigiste de mim.

As semanas passaram-se a galope e veio o verão.

Uma formosa manhã, prenunciõ de um dia de calor, pincelava eu finalmente o meu nome, a um canto da tela. A minha grande obra estava prompta, e eu contente com ella, a mais não poder ser. «E ainda haverá quem diga que não sou pintor!» disse commigo mesmo. Pôde haver quem o faça melhor, mas que o quadro é bom... lá isso é, e a valer! — Hans de *Umbach*; meu nobre amigo! agora, sim senhor! agora é que te podes gabar de ser feliz como um rato n'uma dispensa de fra-des!... Ah! que se não fora... sim!... se não fóra aquillo que nós sabemos... Ah!

Soltei um longo suspiro e depois dei volta á chave do meu atelier, fui dal-a a guardar ao meu carro professor e, em seguida, tratei de arranjar as malas afim de abalar para os banhos de mar, ao outro dia, de madrugada.

Fui ter com Leão Wolkow, que estava a trabalhar, para lhe dizer adeus. Encontrei-o palido, abatido; via-se que estivera pintando, como que ao

acaso, aqui e acolá, no quadro, sem que, comtudo, o tivesse adiantado sensivelmente.

— Ora verás, tenho fé que o meu quadro hade fazer estardalhaço! Agora, começa toda a gente a desertar da cidade; ficarei tendo tempo e socêgo para pintar á minha vontade; e, d'aqui até que abra a exposiçõ, disponho ainda de tres mezes.

— Mas o prazo para a entrega termina muito antes.

— Bem sei, mas não tem duvida, deixa estar que hade estar prompto.

— Lembra-te meu caro Leão, que hade ser tu quem deve apanhar o premio.

— O premio!... Levantou-se, de subito, com os olhos muito espantados, encarou commigo.

— Pois então! que espantos são esses? Já te esqueceste da medalha de ouro? Leão soltou um riso convulso, contrafeito. — Hade estar prompto, já te disse — repetiu. — Nem todos podem ser tão felizes como tu; no teu quadro ha uma unica figura de mulher... e não se imagina o que é ter de pintar muitas, com a falta de modêlos, que por ahi vae.

— Quem me dêra poder ser-te util! Mas, bem vêes que para nympha, não sou dos melhores modêlos; além de que, amanhã vou para os banhos de mar, com o Richter e a familia.

Ah! vaes?... Pois adeus, meu velho — até á volta... se feliz, e haja saúde!

E assim nos separámos.

As coisas, porém, tomaram rumo assaz differente do que eu esperava. Essa mesma noite, recebi um telegramma, participando-me que meu tio tinha adoecido gravemente, e que minha mãe desejava que eu fosse para ao pé d'elle, quanto antes. Invoco a Deus por testemunha em como eu dedicava ao excellente ancião amizade sincera: o meu primeiro impulso, porém, foi sentir um certo allivio. Voar até ao palacete do banqueiro, expôr-lhe a circumstancia imprevista que me estorvava acompanhal o, emmalhar o mais indispensavel e deitar a correr para apanhar o primeiro comboio da noite, foi obra de tres quartos de hora.

E agora, ali, á cabeceira de meu tio enfermo, começou para mim um viver de sonhos, atravez dos quaes mal conseguia distinguir se os acontecimentos dos mezes ultimamente decorridos eram ou não factos reaes e verdadeiros. Semelhante estado era, de longe em longe, interrompido pelas cartas de Estephania. O meu projectado casamento, a exposiçõ, o meu quadro, appareciam-me como sombras diffusas, apenas, no horizonte longiquo, durante essas tão longas horas em que eu, sentado ao pé do leito do ancião, ora lhe conchegava as almofadas, ora lhe ministrava os remédios. Os saudosos logares da minha infancia e da primeira mocidade, pareciam-me agora tão tristes! O relógio de parede — o velho cuco — batia a sua pancada monotona; minha mãe, activa como sempre, attenta a tudo, girava de um lado para o outro, e a cada instante interrompia a labutaçõ em que andava, para me acariciar, passando-me a mão pelos cabellos. Afigurava-se-me que era ainda o mesmo rapaz travesso e buliçoso, de outr'ora, vivendo dias fagueiros, na ditosa ignorancia do mundo e dos homens.

A doença do pobre velho prolongou-se por muitos dias, e elle, d'antes tão pouco dado a tolerancias, agora, porém, paciente, commedido, chamava-me «o seu querido Hans», perguntava a meudo pela minha futura e pelo meu quadro, e uma vez, sae-se a dizer-me: «muito grato te estou pela pressa com que vieste.»

Pouco a pouco, comtudo, o seu modo naturalmente sarcastico, foi tornando a apparecer: até já ralhava commigo, e nem sequer poupava a minha boa mãe; protestava que não queria nem ver a filha do tal ricasso, esse trambôlho que me tinha cahido em cima do lombo. Percebi logo que meu tio estava a caminho de alhar e comecei a sentir-me inquieto, impaciente, e com irresistiveis saudades do meu quadro.

A abertura da exposiçõ estava por dias. Já não valia a pena ir até á beira-mar, os Richters deviam estar quasi a regressar. Desisti, por tanto, da jornada, e em vez d'isso, assim que vi meu tio a entrar em convalescência, despedime dos meus e, uma bella manhã, voltei á cidade.

(Continúa.)

Pin-Sel

O BERÇO DA HUMANIDADE

Ouvimos por ahi citar, a todo o instante, o cidadão dos Estados-Unidos como typo de perfeito democrata e, ao que parece, comtudo, elle insiste em desmentir aquelles que como tal a meudo o preconisam. *Uncle Sam* não se resigna, nem que o

matem, a andar classificado entre os *parvenus* do globo terraqueo: a preocupação dominante do archimillionario americano é desencantar antepassados, allegar direitos á ostensõ de brazões, — e já um notavel humorista transatlantico chegou a emitir o vaticinio de que, dentro em pouco, heraldica e genealogistas encontrariam na republica norte-americana a terra de promissõ.

«O Novo Mundo» accrescenta o nosso auctor «sente-se novo em folha — quezilentemente novo, como qualquer *chalet* pintando de fresco, sempre que volve os olhos para a augusta e veneranda antiguidade do hemispherio oriental».

Colombo, é por assim dizer, d'antes de hontem, e ao vaidoso *Yankee* custa-lhe os olhos da cara quando se lembra da crúa e aggressiva novidade das coisas americanas.

E que diremos do bello sexo? — A ambiçõ da formosa cidadõa da Uniõ é aristocratizar-se; o seu sonho dourado: — uma partida de pesca. — Meninas americanas, mui bem educadas, instruidas (sábias de mais, até, ás vezes) com o seu proverbial senso pratico, conseguem d'uma só cacheirada matar dous coelhos. — vão dar a volta ao globo, realisando por este meio uma viagem de instrucçõ, depois assentam arraiaes; por uns tempos, em qualquer grande capital do velho mundo, e ahi, com a isca opipara do recheiado pé de meia, d'esse avultadissimo dote que se traduz em extensa enfiada de algarismos — que ao pobre profano, por falta de uso, até lhe custa a ler, sem se enganar — tractam de ir pescando, ao mesmo tempo, marido... e pergaminhos.

E! *John Bull*, já se vê, o velhacorio, que vae tirando, em taes casos, as ameixas da pucara: nos vetuos solares e nos castellos dos lords e dos barões anglo-saxonios, os rombos e os buracos vão-se tapando com os dollars das filhas dos reis da prata, do petroleo e da via ferrea. No rude solo britannico parece aclimar-se ás maravilhas esse novo producto exhotico: — a *lady* americana.

Mas vamos ao caso. — O amor proprio e a prosapia dos americanos devem, afinal, estar mais que satisfeitos: — tardou, mas arrecadou, diz o rifão. — Um sabio americano, o dr. le Plongeon acaba de provar *terminantemente*, com a sua exploraçõ archeologica do Yucatan, que a America foi o legitimo berço da raça humana, e que a Europa, Asia e Africa, quer queiram, quer não queiram tem de curvar-se e prestar devida vénia á mana mais velha. Triumphantemente, vem afirmar-nos que Abel e Caim eram cidadãos americanos e residiam no Yucatan, quando entre os dois irmãos se deu aquella desastrosa altercaçõ que tornou para sempre lembrado o nome do infeliz Abel. Ainda hoje ali se vê, assevera o doutor, o tumulo do mancebo assassinado, em assaz bom estado de conservacão, e perfeitamente legiveis as inscripções.

Opina o notavel explorador que o Egypto fosse colonisado por emigrações provenientes do Yucatan, e revela-nos que a Esphinge é, nem mais nem menos, do que um monumento erigido á memoria do malogrado Abel pela sua viuva inconsolavel, a qual, porem, abrindo péssimo exemplo ás do futuro, foi se deixando consolar por seu cunhado Caim.

A religiãõ dos Egyptios teve, accrescenta o sabio, a sua origem no Yucatan.

O archeologo (por esquecimento, sem duvida) não nos diz se acaso a arca de Noé arvorava a bandeira de estrellas e riscas, quando d'ali transportou passageiros para a Europa, e quanto estes pagavam por dia, em dollars... mas... façamos de conta.

Ponhamos, porém, de quarentena, as arrojadas theorias de le Plongeon — que as discutam os archeologos. — todavia, é certo que os resultados palpaveis da sua demorada viagem de exploraçõ á peninsula da America Central veiu revelar novos e importantissimos documentos para a historia da civilisaçõ.

O dedicado archeologo explorou circumstanciadamente, durante mais de doze annos, toda a regiãõ central da America, estudando os restos imponentes dos antiquissimos monumentos, e tentando decifrar as inscripções profusamente distribuidas pelas arruinadas paredes dos grandiosos edificios. Compartilhou sempre tão ardua tarefa a esposa do arrojado viajante, senhora de vasta instrucçõ e que prestou ao marido valiosissimo auxilio. Acharam-se, mais de uma vez, absolutamente isolados entre as tribus inhospitas dos indios aborigenes, cujo odio «ao macaco branco» — conserva ainda hoje assaz vivas as tradições das crueldades que seus avós padeceram, durante a conquista do Mexico, ás mãos dos hespanhoes.

As abundantes reproducções photographicas, as moldagens, e os fragmentos notaveis de escul-

ptura apresentados pelo archeologo na feira do mundo—a grande exposição de Chicago—e exhibidos em edificio apropriado que reconstituia o estylo dos monumentos «Mayas» causaram, como é de suppor, enorme sensação e sem duvida servirão de estímulo a futuras investigações empreendidas com mais amplos recursos e em maior escala. O dr. le Plongeon tenciona publicar, o mais breve que ser possa, o resultado de seus valiosos trabalhos, compendiado em obra de tomo, e encarregou, no entanto, ao que parece, outro archeologo distincto, o dr. Sullivan, de iniciar antecipadamente o publico, em descrição breve e summa-ria, a essa viagem na qual le Plongeon «teve a dita de ser o primeiro a afastar o espesso véo que durante tantos seculos occultou a origem das primitivas tradições da humanidade.»

O Yucatan é essa extensa península que separa o golfo do Mexico do mar dos Caraihas, e cobre-a, em toda a sua extensão, matos virgem e florestas impenetraveis, por entre as quaes, a cada passo se encontram restos de importantes cidades, de grandiosas edificações, de monumentos gigantes-cos, templos outr'ora dedicados á divindade ou palacios de monarchas, e cujas paredes conservam ainda inumeras inscrições, baixos relevos, estatuas rivalisando, affirma o erudito, em belleza, grandiosidade e harmonia estructural com as ruinas de Babilonia, excedendo, sob o ponto de vista da arte, os antigos monumentos mexica-nos. «O viajante que, de subito, vê surgir a seus olhos tão inesperadas maravilhas, não as pode contemplar sem espanto ou assombro.»

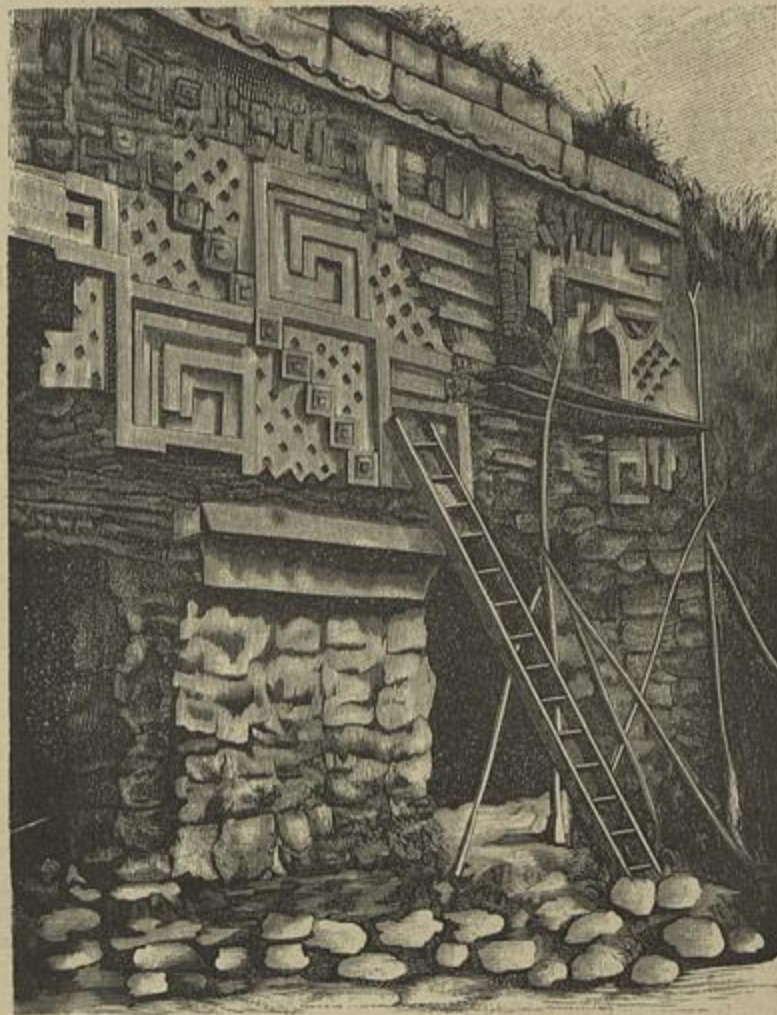
Arrastando serios perigos, já devidos ao clima e ás condições de isolamenro, já a hostilidade dos indigenas, o doutor, auxiliado pela esposa animosa e dedicada, conseguiu reunir consideravel numero de photographias e moldagens, reproduzindo assim tudo quanto julgou mais proprio a caracterisar a arte das velhas cidades de *Chin-chin-Itza*.

— Não foi menor o empenho com que se dedi-cou á decifração dos hyéroglyphicos que revesti-am as paredes e cuja semelhança quasi absoluta com os caracteres egypcios, em breve, diz elle, o poz a caminho de os ler correctamente.

Outra difficuldade, não menor, restava ainda vencer: a identificação do idioma, e le Plongeon, baseando-se nos costumes primitivos e no conser-vatismo do aborigene do Yucatan, dedicou-se com afan a estudar a lingua especial a esses povos, e, posteriormente, a dos *Quiches*, tribu a mais selva-gem e que mais apartada vive, nos reconavos das serranias de Guatemala e que até hoje tem conse-guido manter a sua independencia contra todas as invasões. O doutor chegou á conclusão de que estas tribus descendem directamente dos Mayas autochtonos, e conservam quasi pura a primitiva lingua dos seus antepassados. Da estreita afinida-de que existe entre os caracteres egypcios e as inscrições da *terra de Mayax*, deduz o sabio que os dois povos foram beber á mesma fonte a arte de escrever, ou que um d'elles a herdou do outro.

O incansavel investigador compulsou os manu-scriptos em linguagem maya que ainda hoje restam, por terem escapado ao fanatismo do bispo Landa, que acompanhou á America os hespanhoes invasores. Os mais notaveis são os que o Museu Britannico conserva, semelhantes aos papyros egyp-cios, e escriptos alguns em folha de amoreira, outros em uma especie de pergaminho, e profusa-mente illustrados com illuminuras representando assumptos historicos, cosmogonicos, geologicos, etc.; os quaes lhe revelaram que a terra de *Mayax*, — cuja traducção é terra primitiva — consituia um vasto imperio que se estendia desde Tehuan-tepec, no isthmo de Darien, e cujas capitaes eram Uxmal e Chin-chin-Itza, abrangendo toda a região hoje denominada America Central.

Assevera ainda ter encontrado nos mesmos do-cumentos a revelação do tumulo de Abel, e a cir-cumstancia, já mencionada, de ser a Esphinge um monumento votivo á memoria da victima de Caim. Veio tambem a descobrir que o Yucatan e a At-lantide, ou terra de *Mú*, é esse vasto continente que se submergiu em pleno Oceano Atlantico, sub-vertendo 64,000,000 de habitantes de raça negra, diz elle — factio commemorado pelas antigas tradições dos egypcios e dos gregos — que o alfabeto gre-go é apenas uma narraçao do cataclismo, e se filia nos caracteres da lingua mayana. — E aqui, por incidente, refere-se a Herodoto, cuja veraci-dade põe em duvida — e a quem accusa de em-busteiro, com toda a semcerimonia. — Que tanto as tradições historicas perpetuadas nos manus-critos como as esculpturas e as pinturas muraes dos monumentos *mayas* confirmam as noticias que nos conservou a *Ramayana* — esse antigo poema são-scripto — e descreve os notaveis frisos decorati-vos pintados no interior dos templos e palacios de Uxmal e Chin-chin Itza, e os bem conservados



RUINAS DE UM TEMPLO EM CHIN-CHIN-ITZA-NO YUCATAN

— VID. ARTIGO O «BERÇO DA HUMANIDADE»

baixos relevos que se prolongam por cima dos vas-tos porticos, representando um o diluvio univer-sal e o outro a creação do mundo.

O doutor, diz Sullivan, além das preciosas es-culpturas, recolheu, nos sarcophagos que explo-rou, muitas armas, entre as quaes figura o dardo *com que foi morto Abel*. É notabilissima a estatua do idolo *Chacmul*, a qual, não só pela perfeição da esculptura, como pelo traje, calçado e adornos da figura do heroe, testifica o extraordinario grau de adiantamento a que havia attingido a civilisa-ção do povo mayano. Em conclusão affirma que a lingua dos *mayas* é o idioma primitivo da huma-nidade — a lingua mãe — a religião *mayana* a ori-gem dos cultos, e que, nos templos que explorou, entre outros symbolos, encontrou representado o da cruz.

Pelos modos não tardará muito em sair a pu-blico o livro em que o dr. le Plongeon historia os seus prodigiosos achados, e, quer a sciencia haja ou não de aceitar na integra e com toda a exten-são as interpretações do distincto archeologo, o que eu pergunto é quem, d'ora avante, ha de atur-ar *Yankee doodle?* Neto do sol e filho da lua, d'aqui a dois dias descobre que o *pae* de Adão era cidadão do Arkansas; o paraíso fertilisado pelo Mississipi... e que a serpente ia pôr ovos ás grutas do Kentucky!

P. S.



Recebemos e agradecemos:

O *Bérro* — Lisboa, anno 1. 1896.

É um semanario humoristico illustrado com espi-rituosas caricaturas de Celso Herminio. Tem colla-boração adequada. Explora graciosamente as allu-sões politicas.

NOVAS DO OUTRO MUNDO

CARTA DE JOÃO DE DEUS

AOS ESTUDANTES

POR

JOÃO DA CAMARA

PREÇO 100 REIS

Franco de porte

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»
para 1896

Está publicado este interessante annuario illus-trado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

À venda na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de proprie-dade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39